



Textualidade infográfica eletrônica: efeitos de velocidade para a leitura

Electronic textuality infograph: velocity effects for the reading

Silvia Regina Nunes*

Resumo:

Neste trabalho, abordo o modo como a inunção ao clicar produz trajetos de leitura no infográfico eletrônico e como esses trajetos são tecidos por meio da reiteração entre formulações verbal-visual e visual-visual. Apresento o modo como a textualidade infográfica eletrônica produz a estereotipia e a contenção de sentidos ao funcionar sob o efeito de pré-construídos, bem como são produzidos efeitos de velocidade para a leitura.

Palavras-chave: discurso; infográficos; pré-construído; estereotipia; formulação.

Abstract:

In this paper, I discuss how the injunction by clicking produces the reading pathways through the electronic infograph and how these pathways are knitted through the reiteration between formulations verbal-visual and visual-visual. I present how the electronic textuality infograph produces stereotypy and the restraint of the senses functioning under the effect of the pre-constructed, as well as velocity effects are produced for the reading.

Keywords: discourse; infographs; pre-constructed; stereotypy; formulation.

* Doutora em Lingüística pela UNICAMP. Professora adjunta da Educação Superior da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Membro do CEPEL - Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem, do grupo de pesquisa Cartografias da Linguagem (CNPq) e do grupo O discurso nas fronteiras do social: diferentes materialidades significantes (CNPq). Endereço: Rua Cuiabanos, n.º 18, Cohab Nova, Cáceres - Mato Grosso CEP. 78.200-000. Email: silviarnunes@hotmail.com

Introdução

Tenho me dedicado a compreender as práticas de leitura no discurso do infográfico. É um objeto que abriga a emergência sócio-histórica da imbricação material (LAGAZZI, 2009), seja na sua formulação impressa ou na eletrônica¹. Uma das consequências das análises já empreendidas recai sobre a compreensão do gesto de clicar, que tem se imbricado nas práticas de leitura da sociedade contemporânea, cada vez mais digital (NEGROPONTE, 2006).

O clicar faz parte do funcionamento do infográfico eletrônico, aconteça pelo *mouse*, *touch pad* (*track pad*) ou pelo toque na tela, como no caso dos equipamentos *touch screen*. Afirmo que a injunção ao clicar em um *link* é marca estrutural da textualidade infográfica eletrônica, uma vez que a relação entre o clique e o *link* produz a movimentação dos elementos significantes (imagens/desenhos/fotografias, vídeos, gráficos, som) neste material. A relação do sujeito com a máquina (*mouse*, teclado, tela), isto é, com a forma tecnológica disponível para acesso - ou seja, sua interface - é determinante para o funcionamento do infográfico eletrônico.

Há infográficos eletrônicos que são postos em funcionamento por um único clique, outros funcionam pela necessidade de cliques em sequência, e ainda há os que demandam cliques em pontos diversificados. O campo do jornalismo infográfico designa este processo como sendo uma relação entre a máquina e um banco de dados, relação que permite, por meio de *links*, o acesso às informações disponibilizadas na forma de textos, imagens, sons, gráficos estatísticos, vídeos, etc.

O gesto de clicar instaura a possibilidade de movimento dos elementos significantes, produzindo efeitos de que a formulação eletrônica seria aberta, contudo o banco de dados já é um recorte posto à disposição da possibilidade do clique, visto que há uma seleção prévia dos materiais, realizada por alguém. Não há garantia de que a leitura de um banco de dados (por mais “completo” que seja) traga exclusivamente novidades (novas informações) ao leitor, pois o gesto de leitura e a produção de sentidos estão determinados pelas condições de produção da história (de leitura e de vida) do leitor (ORLANDI, 1996).

Neste artigo, abordo o modo como a injunção ao clicar pode compor trajetos de leitura no infográfico eletrônico e como esses trajetos se compõem por meio da reiteração

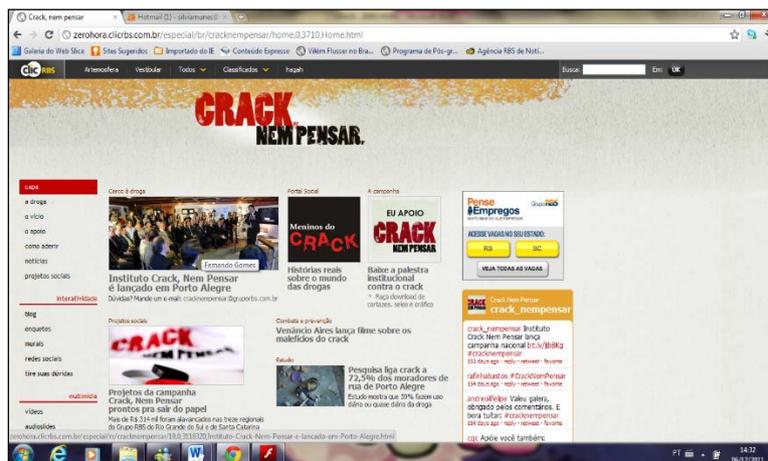
¹ Conforme Orlandi (2010) que, em sua reflexão sobre este objeto de análise, o relaciona a automação e o batiza como eletrônico no processo de constituição de uma reflexão sobre o virtual, pensado nos termos da não transparência da linguagem.

entre a formulação verbal e a visual e também entre a formulação visual-visual. O batimento entre a descrição e a interpretação permite compreender o modo como é articulada a textualidade infográfica eletrônica, que funciona sob o efeito de pré-construído reforçando a estereotipia no tema abordado.

Reiteração e estereotipia: compondo trajetos de leitura

A análise do infográfico “Os efeitos do *crack* no organismo” possibilita mostrar trajetos de leitura que se constituem pelo funcionamento da relação clique-*link* na formulação eletrônica. O infográfico foi formulado para compor a campanha “*Crack* nem pensar”, organizada pelo grupo Zero Hora – Clic RBS. A empresa, designada como sendo a mais antiga afiliada da Rede Globo, é designada como tendo a liderança midiática da região sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e algumas cidades do Paraná), com mais de seis mil colaboradores, sendo considerada a segunda empresa que mais emprega jornalistas no Brasil².

A página eletrônica que hospeda a campanha traz inúmeros materiais já produzidos tais como: palestras institucionais, cartazes, vídeos, selos, camisetas, gráficos, e infográficos, entre outros. Na página da campanha também se encontram *links* para *blogs*, enquetes, especiais, redes sociais, etc. Todo o material fica disponibilizado livremente para o uso de qualquer organização ou pessoa física que queira aderir à campanha, em qualquer parte do Brasil. Trata-se de um projeto de longo alcance, visto que sua divulgação acontece em um dos maiores jornais do Rio Grande do Sul.



<http://zerohora.clicrbs.com.br/especial/br/cracknempensar/contendo,0,3755,Comocrackagenoorganismo.html>

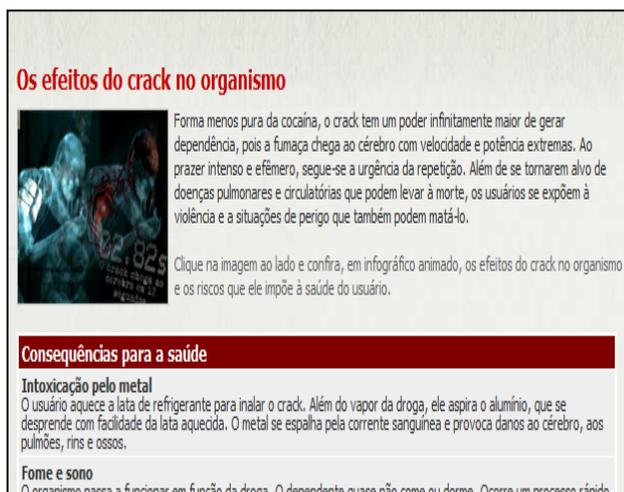
² As informações estão disponíveis no *site* da instituição http://www.rbs.com.br/quem_somos/index.php?pagina=grupoRBS. Segundo a Wikipédia, em 2008 o grupo foi investigado pelo Ministério Público de Santa Catarina sob a acusação de oligopólio e favorecimento na obtenção de concessões de rádio e TV no Rio Grande do Sul, contudo, segundo divulgação do *site* Direitos Humanos (<http://www.direitoshumanos.etc.br>), a ação foi julgada improcedente.

O *link* que disponibiliza o acesso ao infográfico fica na página principal da campanha e um enunciado convida o leitor a conferir “quais os efeitos do *crack* no organismo”. Na mesma direção, outro enunciado lembra “os perigos a que estão expostos os usuários da maldita pedra” e outro *link*, em tamanho menor, alerta: “como proteger seu filho”. Juntamente às formulações verbais, a formulação visual mostra uma das cenas do infográfico com a imagem do “usuário” no momento em que utiliza a substância. Acima da imagem, um enunciado: “a droga”. Abaixo dos enunciados há o símbolo de um vídeo, que dá acesso ao infográfico, e em seguida a formulação verbal: “em vídeo, saiba mais”.



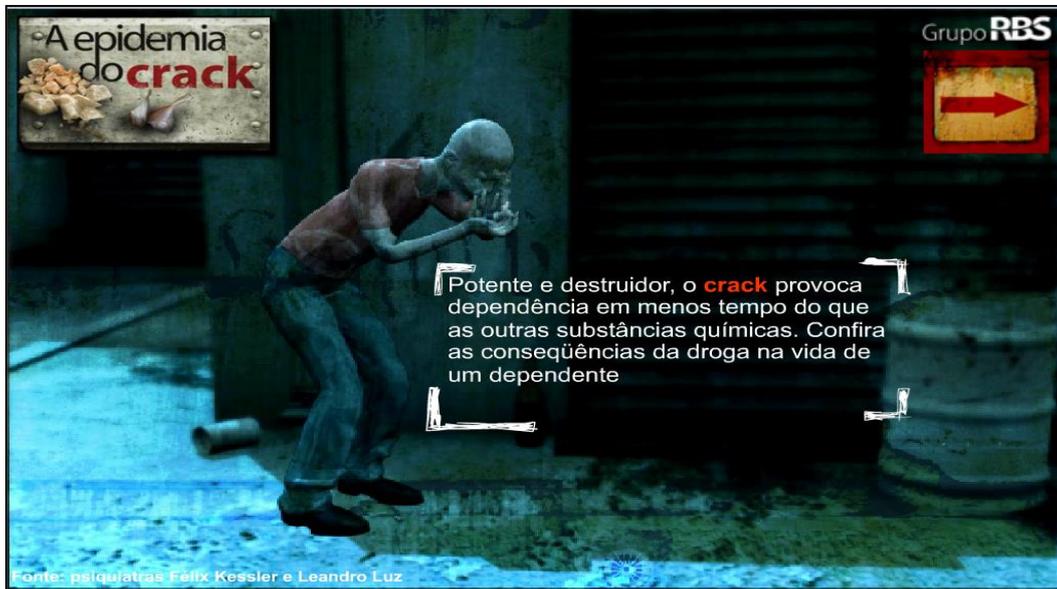
<http://zerohora.clicrbs.com.br/especial/br/cracknempensar/conteudo,0,3755,Comocrackagenoorganismo.html>

Clicando-se no *link* somos levados à página que contém um texto introdutório em que se explicam os efeitos do *crack* no organismo. Na mesma página há outro *link* que traz o seguinte enunciado: “Clique na imagem ao lado e confira, em infográfico animado, os efeitos do *crack* no organismo e os riscos que ele impõe à saúde do usuário”, dando acesso ao infográfico, abrindo-o numa outra página



<http://zerohora.clicrbs.com.br/especial/br/cracknempensar/conteudo,0,3755,Comocrackagenoorganismo.html>

É necessário observar a imbricação material entre a formulação verbal e a visual para se compreender o modo como se constituem efeitos de estereotipia para o tema.



<http://zerohora.clicrbs.com.br/especial/br/cracknempensar/conteudo,0,3755,Comocrackagenoorganismo.html>

No canto superior esquerdo vê-se o título do infográfico: “A epidemia do *crack*”, em que a palavra *crack* aparece destacada na cor vermelha e juntamente ao enunciado há a representação das pedras da droga. Uma simulação da ação da droga no corpo humano é formulada por meio da relação entre enunciados e imagens em movimento. Repetindo a formulação verbal, um enunciado que designa o *crack* como “potente e destruidor” convida o leitor a conferir “as consequências da droga na vida de um dependente”, agora na formulação visual. Na mesma cena, o corpo é mostrado numa posição inclinada no gesto de acender um cigarro. O local em que ocorre tal cena é representado como um beco sujo e escuro. A reiteração da formulação verbal pela visual produz efeitos de verdade, efeitos de estabilidade para os sentidos, na direção de um processo de estereotipia.

A noção de estereótipo tem sido trabalhada por Amossy & Herchberg Pierrot (1997), em que se sustenta uma relação constitutiva entre o pré-construído e o estereótipo. Apoiada nas questões levantadas pelas autoras, D’Olivo (2010) compreende que o estereótipo, considerado como uma ideia pré-estabelecida e já pré-afirmada pelo sujeito e/ou um grupo social sobre determinadas temáticas, mostra o funcionamento de um sujeito sempre-já interpelado na linguagem. O pré-afirmado comandaria não só o que ainda está para se afirmar como também o que já é afirmado, construindo, assim, um

efeito de verdade imediato. É dessa maneira que a estereotipia condicionaria os discursos por meio de construções histórico-sociais que já estariam sustentadas pelo efeito do pré-construído.

Na teorização do pré-construído, partindo das questões desenvolvidas por Henry (1992), Pêcheux assevera que:

(...) remete simultaneamente “àquilo que todo mundo sabe”, isto é, aos conteúdos de pensamento “do sujeito universal” suporte da identificação e àquilo que todo mundo, em uma “situação” dada, pode ser e entender, sob a forma das evidências do “contexto situacional”. (1997, p. 171)

Além disso, o autor considera o *efeito de pré-construído como a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito* ao mesmo tempo em que é “sempre-já-sujeito”³. Tal discrepância indica a existência de uma estranheza-familiar entre um fora situado antes, em outro lugar, independentemente, e o sujeito identificável, responsável por seus atos. Esta discrepância, que *funciona por contradição*, poderia ser identificada, por exemplo, em brincadeiras, anedotas, chistes, etc. que seriam, de fato, regidos pela contradição inerente a esta discrepância.

O pré-construído teria como característica principal, portanto, a separação entre o pensamento e o objeto do pensamento, com a pré-existência deste último, uma vez que o real existe independente do pensamento. O pré-construído é apresentado como o “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que imporia a realidade e seu sentido sob a forma de universalidade (mundo das coisas) (*idem*, p.102; p.154). O funcionamento do pré-construído na relação com a estereotipia põe em cena um processo de cumplicidade e identificação, ou seja, a possibilidade de se pensar do lugar do outro garantindo a eficácia do sujeito universal.

Pensado discursivamente, então, o estereótipo funcionaria como uma “representação” *do imaginário social, sendo que a representação, para a AD, não se constitui numa relação direta entre palavras e coisas, linguagem e mundo, e, justamente por isso, sempre falamos que a representação é imaginária.* (D’OLIVO, 2010).

Uma vez que há reiteração entre a formulação verbal e a visual, o que é pré-afirmado numa formulação adquire seu estatuto de “verdade imediata” por conta de seu funcionamento, ou seja, a encenação das consequências da dependência química funciona como uma pré-afirmação ancorada no efeito de universalidade do sentido - aquilo que todo mundo sabe, isto é, que o consumo de drogas traz diversas consequências negativas

³ É Pêcheux quem coloca a ênfase.

para a saúde. A reiteração de uma formulação pela outra cristaliza o efeito de verdade deste pré-afirmado. Assim, a formulação visual da ação da droga, do beco e do próprio ato de acender o cachimbo de *crack* produz o efeito de verdade pelo modo como a simulação visual funciona como comprovação do que foi afirmado anteriormente.

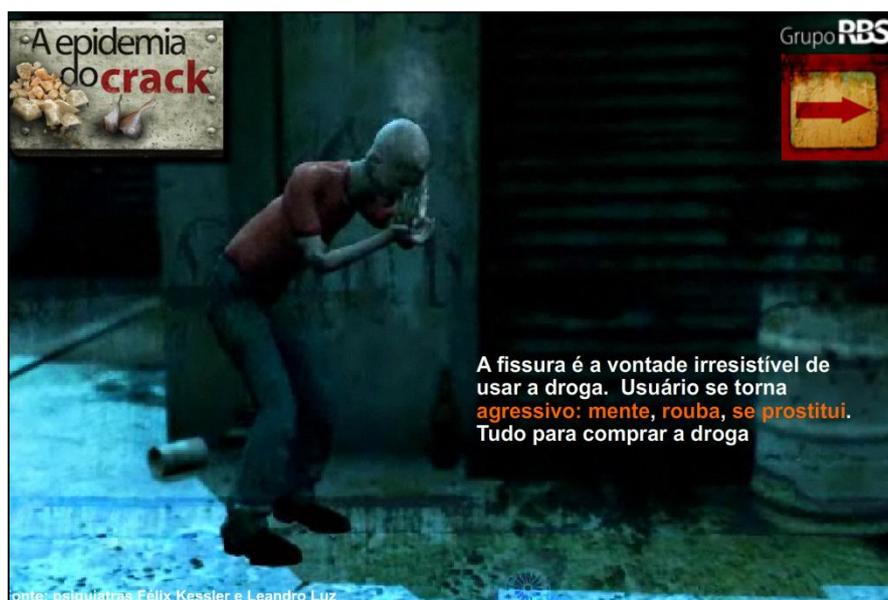
Há um *link*-flecha no canto superior direito do infográfico⁴ que dirige o trajeto da leitura de maneira sequencial, da esquerda para a direita, ou seja, no sentido horário, movimentando as formulações verbo-visuais que são diferentes em cada página. Simultaneamente à formulação visual que explica o modo como o *crack*, em 12 segundos, “ativa o centro de prazer do cérebro”, ocorre uma simulação visual desta ação mostrando através de um jogo de transparência específico entre corpo e órgão, o modo como os órgãos humanos seriam afetados: a inalação da fumaça afetaria o coração e o cérebro, que são mostrados ligados pela corrente sanguínea que circula levando o oxigênio de um para o outro. É o discurso do cuidado com o corpo humano e da garantia da saúde, já estabilizado (estereotipado) na sociedade, que sustenta o modo como é discursivizada a visibilidade da ação da droga no organismo. Na simulação do funcionamento do corpo humano, os órgãos (veias, artérias, coração e cérebro) se movimentam, isto é, trata-se de uma imagem em movimento produzindo efeito de realidade para o funcionamento do corpo.



<http://zerohora.clicrbs.com.br/especial/br/cracknempensar/conteudo,0,3755,Comocrackagenoorganismo.html>

⁴ Sobre o *link*-seta há logomarca do grupo RBS.

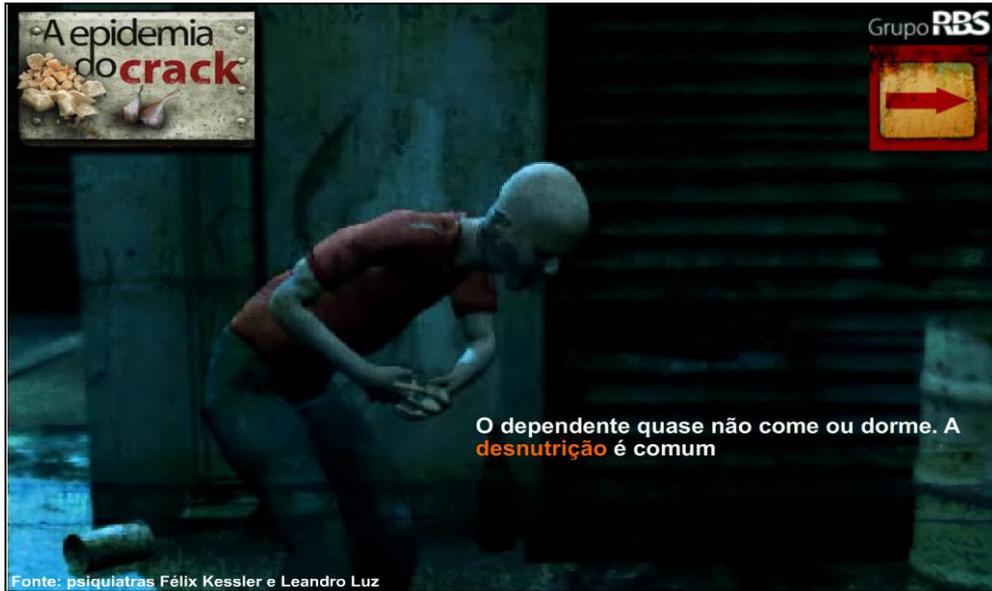
Clicando-se no *link-flecha* o leitor é levado para outra página em que um enunciado traz a questão da “fissura” e suas consequências. Repetindo a formulação verbal que introduz o tema da campanha, tais consequências levariam o dependente a tornar-se “agressivo, mentir, roubar, se prostituir” para adquirir a droga. Na sequência, é simulada uma cena de roubo, em que o mesmo é realizado sem arma, isto é, mostra-se o movimento do usuário que rapidamente puxa a bolsa de uma mulher e, imediatamente, este já tem a droga nas mãos utilizando-a. Na sequência, mostra-se o dependente numa posição muito fletida e um enunciado informa que ele quase não come, nem dorme e que a desnutrição é muito comum (enunciado que repete a formulação verbal do texto introdutório).



<http://zerohora.clicrbs.com.br/especial/br/cracknempensar/conteudo,0,3755,Comocrackagenoorganismo.html>



<http://zerohora.clicrbs.com.br/especial/br/cracknempensar/conteudo,0,3755,Comocrackagenoorganismo.html>



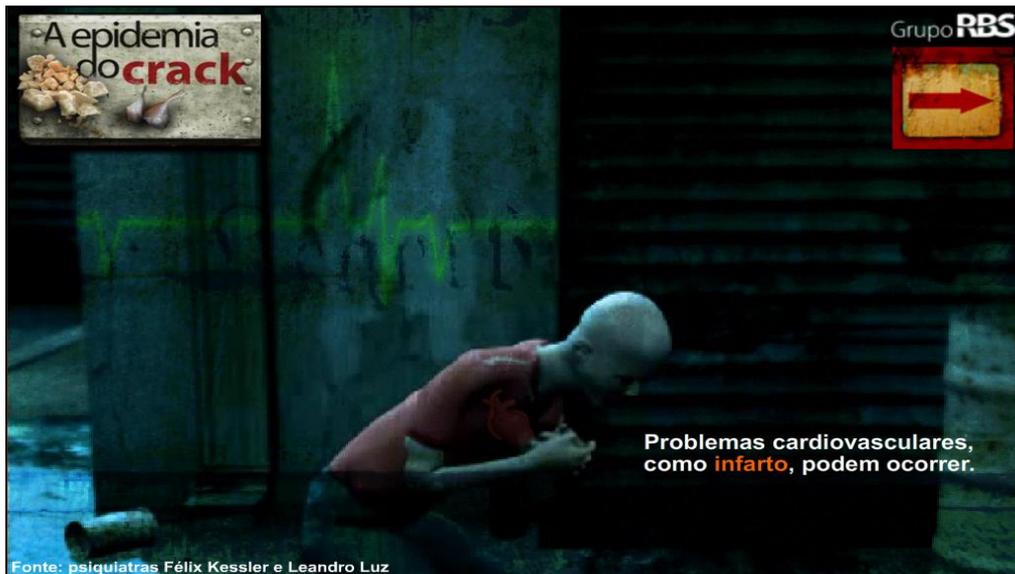
<http://zerohora.clicrbs.com.br/especial/br/cracknempensar/conteudo,0,3755,Comocrackagenoorganismo.html>

Após clicar no *link*-seta abre-se outra página em que há outra simulação que repete, agora visualmente, o modo como a droga afetaria os pulmões, causando os problemas respiratórios. O pulmão emerge no jogo de transparência estabelecido pela relação metonímica corpo-órgão de forma destacada. Um enunciado explicita que o dependente ficaria vulnerável a doenças como pneumonia e tuberculose.



<http://zerohora.clicrbs.com.br/especial/br/cracknempensar/conteudo,0,3755,Comocrackagenoorganismo.html>

Na outra página, um enunciado explica que problemas cardiovasculares (infarto) podem ocorrer. O coração aparece se movendo no ritmo da pulsação através do jogo de transparência com a visão geral do corpo. Simultaneamente são projetadas algumas imagens que simulam os sinais vitais do corpo humano em um aparelho de frequência cardíaca.



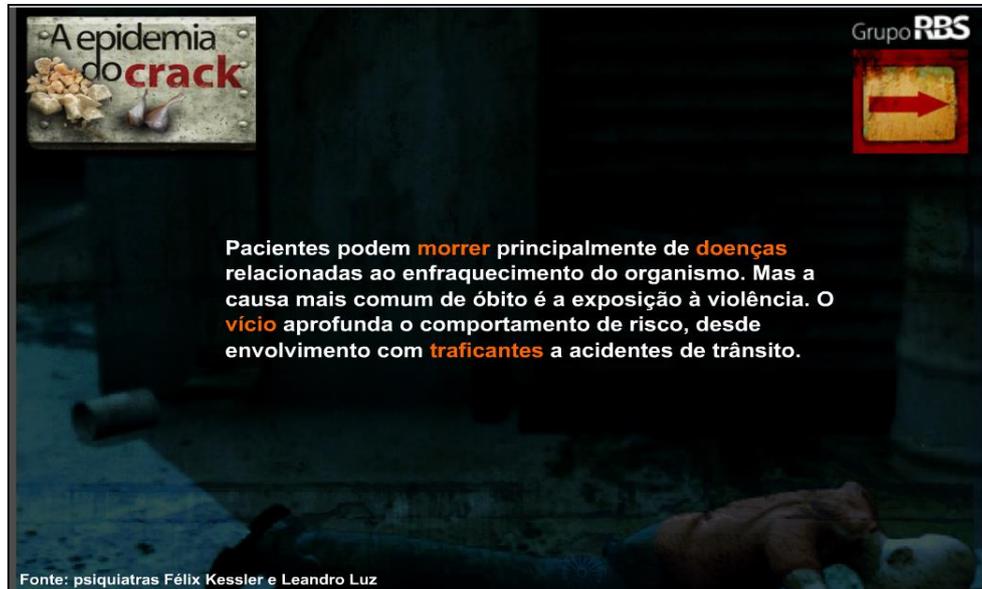
<http://zerohora.clicrbs.com.br/especial/br/cracknempensar/conteudo,0,3755,Comocrackagenoorganismo.html>

Na página seguinte, são projetadas formas visuais que representam alucinações (imagens de monstros) e o corpo do usuário aparece ainda mais curvado. O enunciado explica que “o usuário sofre com deficiência de memória e concentração, oscilações de humor, psicoses, paranoia, alucinação e delírios”. Destaca-se a imagem do cérebro que seria afetado durante esse processo. Na sequência, o corpo do usuário aparece no movimento de cair e em decorrência o corpo vai ao chão, de bruços, simulando efeitos de morte. O enunciado explica que os usuários podem morrer não só pelo enfraquecimento geral dos órgãos, mas também pela exposição à violência, no contato com os traficantes e em acidentes de trânsito. Em relação ao último argumento, não há imagens que demonstrem como ocorreria a morte.



<http://zerohora.clicrbs.com.br/especial/br/cracknempensar/conteudo,0,3755,Comocrackagenoorganismo.html>

No último espaço disponibilizado pelo infográfico há o enunciado “ajude um dependente” e informações com os números de telefone de serviços nacionais de orientação e combate às drogas. Um *link* com o enunciado “reveja a animação” coloca a possibilidade para o leitor repetir a animação infográfica.



<http://zerohora.clicrbs.com.br/especial/br/cracknempensar/conteudo,0,3755,Comocrackagenoorganismo.html>

A textualidade do discurso infográfico sobre o *crack* se sustenta no discurso científico ancorado na explicitação do funcionamento do corpo humano. O processo é regido pela reiteração de formulações, tanto na relação verbal-verbal, quanto na relação verbal-visual. No primeiro caso, pelo modo como os enunciados formulados na textualidade infográfica retomam informações já formuladas no texto introdutório sobre a campanha, isto é, no retorno às explicitações sobre as consequências do uso da droga. Também é possível observar a ocorrência no retorno do modo como as imagens que mostram o funcionamento do corpo humano reiteram a formulação verbal.

O modo como a estereotipia funciona na textualidade infográfica sobre o *crack* produz efeitos de simplificação, efeito sustentado no discurso universalizante da prevenção de drogas que transfere para a vontade do sujeito a responsabilidade exclusiva por se drogar, manter-se drogado e/ou se “libertar” das drogas.

Algumas considerações

Diferentes modos de formulação têm produzido diferentes práticas de leitura, no ciberespaço. Defendo em minha tese que há um *movimento de esquematização* que sustenta as práticas de leitura na contemporaneidade. Compreendo que o *movimento de*

esquemática é estruturante do discurso infográfico, sendo produzido a partir da imbricação simultânea de a) formulações verbais, b) tabelas e gráficos estatísticos, setas, pontilhados e c) ordenação numérica e alfabética, que produzem, simultaneamente, *efeitos de relevância*, de *síntese* e de *ordenação* para os temas que são abordados, especialmente no campo do jornalismo.

No caso da análise do infográfico em tela, há a produção de efeitos de síntese (simplificação, especificação), pelo funcionamento da reiteração. Tal efeito é produzido pelo modo como a reiteração entre a formulação verbal-verbal e verbal-visual é construída, sendo que o funcionamento visa produzir uma administração e estabilização de sentidos. E é o procedimento reiterativo que garante o efeito de síntese verbal e/ou visual.

No funcionamento do infográfico, como já apontado, a repetição sustenta um efeito sequencial produzido pelo gesto de clicar no *link*-seta e sustenta também o processo que descreve o modo como o sujeito se vicia no *crack*, ou seja, se ancora na circularidade dos eventos que produz a visualização da ação da droga no organismo, conforme se segue:

**→ fumar a droga - sentir-se bem - viciar-se/ficar dependente
– sentir fissura – roubar/prostituir-se – definhar – morrer.**

O ciclo de eventos simplifica a questão da droga apresentando o processo como se fosse linear, isto é, uma relação direta (de causa e consequência) em que para cada ação haveria uma reação (sem possibilidade de quebra dessa cadeia) até chegar ao final trágico que seria a morte.

Além de administrar a produção de sentidos pela reiteração, a relação clique-*link* ainda administra o trajeto da leitura no infográfico, uma vez que não é possível retornar à primeira “cena” sem avançar até o final da sequência narrativa. Nessas condições, o gesto de clicar fica condicionado à prévia programação de um funcionamento sequencial. Não é um funcionamento que possibilite ao leitor clicar aleatoriamente em *links*, mas somente na sequência de *links* pré-formulada.

Compreendendo amplamente o funcionamento da injunção clique-*link* no infográfico eletrônico, observo que esta injunção é produzida na e pela relação do sujeito com a máquina, nas condições da vida digital (NEGROPONTE, 2006), pois em outras condições de produção, por exemplo, como na dos primórdios da imprensa, com a prensa móvel de Gutemberg, ou nas da datilografia com suas técnicas de destreza no movimento manual, esta injunção clique-*link* não se produziria. Desta forma, a relação clique-*link*

compõe o processo de produção da leitura eletrônica, com a participação de sujeitos determinados pelas condições de funcionamento do ciberespaço.

O *link* é considerado por Morello (2003) como um mecanismo discursivo de dupla face. Seguindo esta concepção, o movimento engendrado pela injunção clique-*link* produz específicos trajetos de leitura no infográfico eletrônico. A possibilidade de seleção dos *links* produz um efeito pragmático/performativo, em que o leitor do infográfico fica, imaginariamente, na posição de selecionar o trajeto que quisesse. Nesse movimento se constitui um efeito de controle sobre seu próprio percurso de leitura. Contudo, conforme reflexão de Morello (2003) o *link* ao mesmo tempo em que mostra o trajeto a ser seguido marca, também, os trajetos que ficaram de fora, trajetos que são impossíveis de demarcar pelas determinações específicas do modo de produção da cada leitura, bem como pela propriedade fundante da linguagem: a incompletude. E é por isso que há somente efeito de controle sobre o trajeto de leitura percorrido pelo leitor.

O imaginário que circula de que o hipertexto seja uma rede composta por nós ligados por conexões de forma não linear produz efeitos de que a rede abarcaria uma totalidade de informações disponíveis na internet e que tais informações seriam infinitas. Porém, no infográfico eletrônico, o que fica disponibilizado para acesso (seja como texto, imagem, som, etc.) não é infinito e inesgotável, mas delimitado pelas condições de produção do próprio discurso eletrônico. Isto quer dizer que em um determinado ponto estes elementos significantes começam a ser repetidos.

A textualidade infográfica eletrônica administra o trajeto de leitura da temática abordada, pois ao mesmo tempo em que produz um determinado modo de fazer circular as informações, já dá ao leitor um modo específico de lê-las e compreendê-las. Um funcionamento temporal específico da infografia regularia esta prática de leitura, pois textualizar em formas esquemáticas e sintéticas produz a demanda de uma leitura ancorada no efeito de velocidade.

Referências

- AMOSSY, R.; HERSCHERBERG P. A. 1997. *Stéréotypes et clichés*, Paris: Nathan.
- D'OLIVO, F. M. 2010. *O social no cordel: uma análise discursiva*. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP.
- GRUPO RBS – Jornal de Santa Catarina e A Notícia. *Os efeitos do crack no organismo*. In Campanha: *Crack* nem pensar. Disponível em <http://zerohora.clicrbs.com.br/especial/br/cracknempensar/conteudo,0,3755,Comocrackagenoorganismo.html>. Acesso em 06/08/2013.

HENRY, P. 1992. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Trad. CASTRO, Maria Fausta Pereira de. Campinas: Editora da UNICAMP.

LAGAZZI, S. 2009. O recorte significante na memória. In: INDURSKY, F. et al. (org.). *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos - SP: Claraluz.

MORELLO, R. 2003. Definir e Linkar em que sentido? In ORLANDI, E. (org.) *Para uma Enciclopédia Discursiva da Cidade*, Campinas/SP, CNPq/Labeurb/Pontes.

NEGROPONTE, N. 2006. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras.

ORLANDI, E.P. 2010. *À contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade*. Revista Rua [online] n°. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109.

_____. 1996. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Rio de Janeiro: Vozes.

PÊCHEUX, M. 1997. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp.

Data de Recebimento: 24/09/2013

Data de Aprovação: 10/04/2013

Para citar essa obra:

NUNES, Sílvia Regina. Textualidade infográfica eletrônica: Efeitos de velocidade para a leitura. In: *RUA* [online]. 2014, no. 20. Volume 1 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: Graph Theory Gravity 2 s.d. Disponível em: <http://talon876.deviantart.com/art/Graph-Theory-Gravity-2-186280940>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS
UNICAMP/COEN / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP – Brasil

CEP 13083-892

Fone/ Fax: (19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>